

UC-NRLF



B 5 120 857

7

A. AZEVEDO

gno



SONETOS

E

PEÇAS LYRICAS



LIVRARIA GARNIER

109, rua do Ouvidor, RIO DE JANEIRO

•• 6, rue des Saints-Pères, PARIS ••

Benjamin Mathew Woodbridge, Jr.
Lantos, 24 de julho de 1943.

SONETOS E PEÇAS LYRICAS

Sirania Kaye Harris,
Rua 15 de Novembro, 27.

ARTHUR AZEVEDO

SONETOS

E

PEÇAS LYRICAS



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

Maial

U.C. BERKELEY LIBRARY

PQ
9697
A95
S6
13902
1.1.111

EU ME EXPLICO :

Arthur Azevedo, que muito me distinguui com a sua amizade íntima e com o seu carinho, promettera-me, ha pouco mais de um anno, colleccionar methodicamente os setos versos e edital-os.

Reclamo a gloria de haver contribuido muito para essa rezolucão que o poeta não tomou sem certa relutancia, ditada por inexplicavel sentimento de modestia.

Os meus versos, dizia-me, não valem nada. Estão nos peças theatraes os que reputo menos ensossos. Os outros andam por ahi, nem sei onde, nomades, esparsos, e nenhuma importancia teem (!)

Rebati sempre essa esquivança desarrazoada e acabei por vencer. Sim, venci; mas a victoria não teve afinal nenhum brilho, porque a morte do autor privou a obra de sua direcção e isso

tem uma importancia que, muito naturalmente, me abstenho de encarecer.

Outro, que fosse portador de um nome obscuro como o que subscreve estas linhas, quem sabe si se abalançaria a tão ousado commettimento?

Errei? Pouco se me dá. Entendi que, para pagar á memoria de um amigo uma divida sagrada de amizade, contribuindo com uma parcella de esforço, para attenuar a situação de pobreza em que esse amigo deixou a mulher e os filhos, não se fazia mister a pompa de um nome, mais ou menos illustre.

De resto, a obra posthuma, cuja edição é feita de inteiro accordo com a familia do grande morto, apenas apparece, sem grandes cuidados de selecção, como subsidio á publicação da futura obra definitiva que o meio litterario da nossa terra tem, parece-me, obrigação de emprehender.

As composições não soffreram de minha parte o menor retoque (quasi escusava dizê-lo); tudo quanto fiz foi grupal-as, o mais racionalmente possivel, segundo os variegados aspectos em que ellas irradiam, si bem que as joias do poeta, quaesquer que sejam os processos de sua

construcção, quaesquer que sejam as modalidades da inspiração exuberante que as ditou, nitidamente o denunciavam sempre, mesmo porque elle tinha, como sabe toda a gente, um feitio muito seu; muito caracteristico, donde provinha a sua individualidade distincta e inimitavel. Duas ou tres pequenas notas que se vão encontrar no correr do livro, julguei-as indispensaveis ao fim que tive em vista; depois já se vê, do fim principal: concorrer para a documentação da obra futura.

E concluo:

Os filhinhos de Arthur Azevedo não imploram a caridade publica, porque elle deixou amigos que não lhes permittiriam esse transe da penuria extrema, mas o leitor, que houver adquirido um volume dos VERSOS, terá a consoladora certeza de haver alliado a um gozo intelligente, a pratica de um bom acto.

Faço-me entender.

JULIO DE FREITAS J.

O meu epitaphio

O' generoso alento, inda me sobras !
Inda cá dentro estás, velho alvoroço!
Se eu morrer hoje, inda illusões de moço
Do meu sudario levarei nas dobras!

Mas não procurem perfeição nas obras
De um poeta que destroço por destroço,
Arremessado das paixões no fosso,
Victima foi de perfidas manobras.

Quando eu pagar o meu tributo á morte,
Este epitaphio para a minha lousa
(Se eu tiver uma lousa) se transporte :

« Um litterato mau aqui repousa,
Que, se logrado houvera melhor sorte,
Talvez servisse para alguma cousa. »

Transit.

Tu és dona de mim, tu me pertences,
E, neste delicioso captiveiro,
Não queres crer que, ingrato e bandoleiro,
Possa eu n'outra pensar, ou n'outro penses.

Doce cuidado meu, não te convences
De que tudo na terra é passageiro,
Frisol, futil, rapido, ligeiro,
E a pertinacia do erro teu não vences !

Um bello dia — has de tu ver ! — desaba
Essa velha affeição, funda e comprida,
Que tanta gente nos inveja e gaba...

Choras ? Para que lagrimas, querida ?
Naturalmente o amor tambem se acaba,
Como tudo se acaba nesta vida.

A volta

Sou eu. Abre-me a porta e dá-me abrigo...
Eis-me! Estou vivo, ó meu amor!
Pude esinagar tamanha dor!
Então? Bem vês : sou eu, teu velho amigo.

Não mais te deixarei, pallida flor!
Sorris? Não crês no que te digo?
Aonde vás irei contigo,
E tu commigo irás aonde eu for.

Ainda os olhos meus humidos tenho...
Mas enxugal-os hoje venho
A'luz serena e angelica dos teus.

Nunca mais viveremos solitarios,
E, até; dos nossos dictionarios
Supprimiremos a palavra « Adeus ».

Confusão

A Celso de Magalhães.

E' Maria mulher idealista ;
Serviria de typo a Lamartine ;
O meu estro mesquinho a não define,
Embora de pachorra eu me revista.

E' Raymunda mulher materialista,
Mas na burra possui com que domine,
Fazendo que solicito se incline
Quem aos seus dotes naturaes resista.

E' Maria uma pobre costureira,
Tem sobrados e apolices Raymunda,
E ambas as duas querem que eu as queira.

Caso não ha que tanto me confunda :
O coração indica-me a primeira,
E aconselha-me o estomago a segunda.

1873.

Ao jornal « O Dia ».

Oh, *Dia* que estás por dias,
Dia que em dia não estás,
Porque razão me injurias
E não me deixas em paz ?

Se tens contados os dias,
Dia, que em dia não estás ;
Se vives sem sympathias,
Se morres sem « aqui-jaz » ;

Se, não obstante as sangrias
Inconfessaveis que dás,
Essas gavetas vasias
Tiveste, tens e terás ;

Que culpa do mal que expias
Me cabe, não me dirás,
Oh, *Dia* que estás por dias,
Dia que em dia não estás ?

Na primeira folha do meu album.

Desde que ao mundo vim, tenho passado
Vida de pobre, vida de mofino,
E não espero que o favor divino
Queira algum dia melhorar meu fado,

Mas este livro que, em leilão comprado,
A desenhos e autographos destino
Ha de ser um presente peregrino
A meus filhos pauperrimos legado.

E' certo que elles ficarão na espinha
Se nesta deixa procurarem meio
De encher dispensa ou de aquecer cosinha ;

Mas ao menos dirão, esporo e creio,
Que, se talento proprio o pae não tinha,
Presava ao menos o talento alheio.

Vindo de Nictheroy.

Dialogo a bordo.

Agasalha-te mais : a noite é fria,
O triste inverno bate-nos á porta ;
Aqui na tolda não estás bem. — Que importa ?
Hei de morrer mais dia menos dia...

Porque falas de morte? Que seria
Do meu amor quando eu te visse morta?
A barca treme, a onda soluça, corta
Um relampago a cupola sombria.

— Essa tristeza quero ver perdida,
Ouve : eu não sou feliz ; a desventura
Negro azedume no meu peito vasa ;

Mas tudo esqueço, porque em minha vida
Brilhas, qual brilha, nesta noite escura,
A luz vermelha do pharol da Raza.

As estatuas.

A Felinto de Almeida.

No dia em que na terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre — oh, sorte avessa !
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei onde, oh, condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram...

Sahiste por aquella mesma porta
Onde outr' ora os teus labios me esperaram,
Cheios do amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessaram
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choraram !

Arrufos.

Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos ;
Mas hoje uma questiuncula tivemos
Por um caprichosinho, uma tolice.

— Acabemos com isto ! ella me disse,
E eu respondi-lhe assim : — Pois acabemos !
— E fiz o que se faz em taes extremos :
Peguei no meu chapéo com fanfarrice,

E, dando um gesto de desdem profundo,
Sahi cantarolando. Está bem visto
Que a fórma ali contradizia o fundo.

Ella escreveu. Voltei. Nem Jesus Christo,
Nem minha Mãe, voltando agora ao mundo,
Forão capazes de acabar com isto !

Equivoco.

Tantos cabellos brancos e virtudes
Que arranjaste depois que nos deixámos,
Não vedam que te lembre o que gozámos
Em revolvidas, vagas longitudes.

Entre saudades, ao passado alludes
Todas as vezes que nos encontramos,
E me repetes : — Como nos amamos !
Illudir-me pretendes, ou te illudes ?

Nas velhas cinzas que revolve agora
Não encontro uma sombra desmaiada
Do sentimento enganador de outr' ora...

Nem fui amado, nem tu foste amada...
Amar aquillo ? Qual o que, senhora !
Foi um simples equivoco, e mais nada.

Desespero

**Passam-se longas horas lentamente,
Passam-se os dias, passam-se as semanas ;
No meu canteiro as flores soberanas
Brotam sorrindo e murcham tristemente ;**

**Muitas noites ceruleo céu ridente
Dos astros têm sulcado as caravanas ;
Despertam no ether lucidas sultanas,
Recolhem-se, e despertam novamente ;**

**Erguem-se casas nas estradas nuas ;
Some-se o campo, estende-se a cidade,
E onde havia moitães abrem-se ruas...**

**Entram mezes na escura eternidade...
E eu não recebo, oh, flor, noticias tuas !
Nem uma lettra, nem uma saudade !**

Incomprehensivel.

Toda te indago, toda te pesquiso,
Dos pés mimosos ao cabelo hirsuto :
Tudo em ti me parece irresoluto...
Leio-te em vão, debalde te analyso !

Encontro o inferno, encontro o paraizo
Se os teus olhares languidos prescruto ;
Faz-me ditoso e cobre-me de luto
A equivoca expressão do teu sorriso.

Tudo me dizes e te contradizes
Com teus olhares e com teus acenos...
Es um problema ! o teu amor tem crises !

Corro aos teus braços nédios e morenos...
As horas passam, rapidas, felizes...
Mais te conheço... e te conheço menos !

Cantilena.

A Olavo Bilac.

Fazem hoje vinte e um annos
Que sahi da ninha terra...
Fazem hoje vinte e um annos
Que sahi do Maranhão.
Negros fados inhumanos,
Desde então me fazem guerra...
Negros fados inhumanos,
Me maltratam desde então !
Fazem hoje vinte e um annos
Que sahi do Maranhão.

No instante da despedida
Meu pae chorava devéras...
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !
A minha gente querida
Verteu lagrimas sinceras...

A minha gente querida
Mais de mil beijos me deu !
No instante da despedida
Minha mãe quasi morreu !

Pobre mãe ! vociferando,
Não deixava que eu partisse...
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !
Meu pae disse-lhe, chorando ;
— Deixe o rapaz ! que tolice ! —
Meu pae disse-lhe, chorando :
— Socegue, que ha de voltar... —
Pobre mãe ! vociferando,
Não me queria soltar !

Elles ambos lá se foram...
Perdi-os infelizmente.
Elles ambos lá se foram...
Já não tenho mãe nem pae.
Os meus olhos inda choram,
Porque o meu peito inda sente.
Os meus olhos inda choram...
Vêde ? uma lagrima cae !
Elles ambos lá se foram.,.
Já não tenho mãe nem pae.

21 de Agosto de 1894.

A Theophilo Braga.

Quando o corpo de Christo despregado ;
Foi do madeiro infame em que jazia,
Banhada em pranto, a misera Maria
Deitou-o ao collo quente e immaculado ;

E, beijando-lhe o sangue coagulado
Que uma chaga sacrilega vertia,
A dolorosa Mãe assim dizia,
N'um tom de voz por lagrimas cortado :

— Querido filho, como padeceste !
Mas ha na minha dor menos conforto
Que em todos os tormentos que soffreste !

Tortura agora inda maior supporto :
Aos teus padecimentos faltou este,
Fundo e cruel, de ver um filho morto !

Vem.

**Escrupulos?... Escrupulos!... Tolice!...
Corre aos meus braços! Vem! Não tenhas pejo!
Traze o teu beijo ao encontro do meu beijo,
E deixa-os lá dizer que isto é doidice!**

**Não esperes o gelo da velhice,
Não sufocoques o lubrico desejo
Que nos teus olhos húmidos eu vejo!
Foges de mim?... Farias mal?... Quem disse?**

**Ora o dever! — o coração não deve!
O amor, se é verdadeiro, não ultraja
Nem mancha a fama embora alva de neve.**

**Vem!... que o teu sangue férvido reaja!
Amemo-nos, amor, que a vida é breve,
E outra vida melhor talvez não haja!**

Impressões de theatro.

A Guimarães Passos.

Que dramalhão ! — Um intrigante ousado,
Vendo chegar da Palestina o conde,
Diz-lhe que a pobre da condessa esconde
No seio o fructo de um amor culpado.

Naturalmente o conde fica irado.
— O pae quem é? pergunta. — En ! lhe responde
Um pagem que entra. — Um duello ! — Sim !
[Quando? Onde? —
No encontro morre o amante desgraçado.

Folga o intrigante... Porém surge um mano,
E, vendo morto o irmão, perde a cabeça :
Crava um punhal no peito do tyrano.

E' preso o mano, mata-se a condessa,
Endoidece o marido.. e cae o panno,
Antes que outra catastrophe aconteça.

Adeus a Sarah Bernhardt.

**Eu vejo, eu ouço Phedra, e vendo, e ouvindo
A divina Sarah, sublime e bella,
Arranco o plectro meu ao sommo infindo...
Que Musa póde haver maior do que ella ?**

**Umas vezes fascina, outras espanta
Aquella voz que em todo o mundo estruge !
Que passaro cantou como ella canta
E que fera rugiu como ella ruge ?**

**Adeus ! Parte ! Mas volta-nos de novo
Quando as saudades nossas te reclamem,
E has de sempre encontrar neste bom povo
Mãos que te applaudam, corações que te amem.**

**22 de Julho, de 1893,
na bilheteria do Theatro Apollo.**

Recordação.

Quando eu vim da nossa terra
Murmurava toda a gente
Que estavas para casar.
A voz do povo não erra...
A causa, precisamente,
Que mais me fez emigrar,
Foi ouvir, na nossa terra,
Que estavas para casar.

Eu pedi-te as minhas cartas,
Segundo o systema antigo,
E me disseste a tremer :
— Não, eu não posso entregar-t'as ;
Ficarão todas commigo ;
Com ellas quero viver ;
Mas... dize : porque te apartas ?
Tua, só tua hei de ser!

Quando eu ia para bordo,
Passei pelo teu sobrado
E te vi mais uma vez...
Com que prazer me recordo
Do teu sorriso magoado,
Da impressão que elle me fez,
Quando eu ia para bordo
E te vi mais uma vez !

Parti. Dentro em poucos mezes
Soube que havias casado,
Que morrêras para mim
E eu, doido ! que tantas vezes
Me imaginava a teu lado,
Trocando beijos sem fim !
Quem supportou mais revezes ?
Quem padeceu tanto assim ?

Eras o sonho doirado,
A visão formosa e doce
Dos meus sonhos juvenis...
Se me houvesse esperado,
Ditoso talvez eu fosse,
Talvez tu fosses feliz,
Oh ! bello sonho doirado
Dos meus annos juvenis !

De lua a sol.

Vagos anhelos, fugitivos planos,
Risonhas esperanças prematuras,
Sonhos, chimeras, lagrimas, loucuras,
E desenganos sobre desenganos,

— Tal foi, senhora, o meu viver dois annos,
Dous longos annos feitos de amarguras !
Os meus versos de amor e as minhas juras
Só mereciam teus desdens tyranos !

Mas... uma noite de ser má cançaste :
Vendo-me triste, triste, muito triste,
Na minha solidão me procuraste...

Só então soube que a ventura existe !
No céu vagava a lua quando entraste
E scintillava o sol quando sahiste.

A João Baptista de Moraes Rego.

*Por ocasião do fallecimento de
seu filho, o Dr. José Joaquim
de Moraes Rego.*

Quando teu filho, após tremenda luta,
Mais confiava nas mercês da sorte,
Dos braços teus arrebatou-o a morte
Vil, traiçoeira, inexoravel, bruta !

Se o teu magoado coração enluta
A paixão das paixões, profunda e forte
Onde o verso encontrar que te conforte
E na tu' alma vibre e repercuta ?

Todos esses terriveis alvoroços
Por uma dor causados que partilho,
Só teus não são : bem sabes que são nossos :

E peço a Deus, diante do qual me humilho,
Que os meus filhinhos quando forem moços,
Sejam tão puros como foi teu filho.

31 de Julho de 1901.

A Carlos Feldhagen.

**Em ti pensando sempre, ás vezes scismo :
Tu deixarias neste mundo a essencia
Da tua doce e lucida existencia,
Ou tudo se arrojou no eterno abysmo ?**

**Nada ficou então do teu civismo?...
Da tua nobre e rigida sciencia?...
Do teu amor?... da tua intelligencia?...
Nem do teu singular cavalheirismo ?**

**Ficou ; tenho certeza — sem ter prova —
De que o teu corpo não levou comsigo
Alma tão pura, tao louçam, tão nova.**

**Nem a rasão me diz, nem eu lhe digo
Que apodreça no fundo de uma cova
Tudo quanto eras tu, meu pobre amigo.**

Prosa.

Assentados, á sombra do arvoredó,
N'um banco de musgosa cantaria,
Junto á estatua de um Fauno que sorria,
Ao lado de Leonor se achava Alfredo,

E receioso, tremulo, com medo
De que o ouvisse aquella estatua fria,
Elle, que velhas formulas sabia,
Revelou nesta phrase o seu segredo :

— Eu amo-te ! Fugamos ! Dá que eu possa
No dezerto passar a vida inteira
Comtigo, o teu amor e uma palhoça.

Do labio a flauta cânora e ligeira
O Fauno desviou, e, com vóz grossa,
Accrescentou soturno: — E uma parteira.

Soneto

recitado por Ismenia dos Santos n'um espectáculo que deu, quando emprezaria, em beneficio de Francisco Corrêa Vasques, moribundo.

O Vasques morre ! Pavorosa ideia !
Perde-se ao longe, reduzido a nada,
O echo da derradeira gargalhada
Que elle arrancou dos bronchios da plateia !

Uma familia triste e amargurada
O seu leito com lagrimas rodeia,
E a pobreza, megéra escura e feia,
A mão lhe estende, negra e descarnada.

Publico illustre, eu venho agradecer-te.
Magoas profundas o teu manto cobre.
E em consolados miseros converte,

Deixa que hoje eu te julgue. Eis o meo laudo :
Es magnanimo, és grande, és justo, és nobre !
Ja me applaudiste muito ; hoje eu te applaudo !

Confidencia.

(*No album de Bellarmino Carneiro*).

Ouve uma historia, Bellarmino : Um dia,
Peccando contra o nono mandamento,
O meu peito magoado amor violento
Pela mulher do proximo sentia.

Ancioso pelo célico momento
Que o seu divino olhar me promettia,
— Vem ! não tardes, meu anjo ! — en lhe dizia,
Não prolongues assim o meu tormento !

Escravo de um desejo deshonesto,
Insomne eu via as rutilas auroras,
E ella... nem uma phrase, nem um gesto !

Mas uma noite, entrando fóra de horas,
No meu quarto encontrei... Não digo o resto,
Porque o teu livro é lido por senhoras

Velha anecdota.

Tertuliano, frivolo peralta,
Que foi um paspalhão desde fedelho,
Typo incapaz de ouvir un bom conselho,
Typo que, morto, não faria falta ;

Lá um dia deixou de andar á malta,
E, indo á casa do pae, honrado velho,
A sós na sala, deante de um espelho,
Á propria imagem disse em vóz bem alta :

— Tertuliano, és um rapaz formoso !
És sympathico, és rico, és talentoso !
Que mais no mundo se te faz preciso ? —

Penetrando na sala, o pae sisudo,
Que por traz da cortina ouvira tudo,
Severamente respondeu : — Juizo. —

No bonde.

Ha dias encontrei (não direi onde,
Porque este caso é caso verdadeiro)
Um bella mulher dentro de um bonde,
Acompanhada por um cavalheiro.

Ella um sorriso atira-me brejeiro,
E o meu sorriso ao della corresponde...
Outro : disfarço... Bom ! mas, ao terceiro ;
O imprudente namoro não se esconde.

O cavalheiro diz-me : — Esta senhora
É minha esposa. Amigo, se a namora,
Dou-lhe, e não creio que o senhor me dê. —

Se em taes assados o leitor se visse,
Ao cavalheiro que diria ? Eu disse
Que quem não sabe é como quem não vê.

1874.

Typico (1).

(*Allusão*).

— Que brasileiro *spleen* ! Mesmo o charuto...
(O charuto!)... das mãos se me escape !
Un sonmo aterrador comigo bole,
É um seculo (ou mais) cada minuto !

Dos credores na porta a vasta próle
Procura, mas não acha, o santo bruto
Que se espicha na rede, e resoluto
De christalina canna bebe um góle.

Estou lendo um romance massador !
Vou fumar ! O' rapaz, dá-me uma brasa ;
Bota junto da rede o escarrador !

(1) Extr. do folheto *Horas de Humor*, II, editado pela Ty-pographia Academica, no Rio de Janeiro, em 1876. Em 1871, epocha em que foi feito o soneto, tinha o autor 16 annos de idade.

O relógio parece que se atraza !
Si inda houver lá por baixo algum credor,
Moleque, saberás : — não estou em casa... —

Maranhão, 1871.

Desengano (1).

A pensionista pallida que gosta
(Fundada pretensão!) que a digam bella,
E do collegio, á tarde, na janella,
Para dar-me um sorriso se recosta ;

Que me escreve nos férias, de Bemposta,
Aonde vae visitar a parentela,
Pedindo-me que não me esqueça della
E dando-me uns beijinhos.., pela posta ;

Essa nympha gentil dos olhos pretos,
Essa belleza de anjo... oh, sorte varia ;
Vergonha eterna para os meus bisnetos !

(1) Do folheto citado na pagina precedente. Este soneto, porém, e alguns mais, de igual origem, que vão esparso por este livro, soffreram os retoques que o autor julgou necessarios.

Com um paçudo burguez, uma alimaria
Que não a sabe amar, nem faz sonetos,
Vae casar-se amanhã na Candelaria.

1873.

Brinde.

*Proferido no . banquete
dado aos reformadores da
Escola Nacional de Bellas-
Artes, no salão do theatro
de S. Pedro de Alcantara.*

Deixae que, erguendo a voz e erguendo a taça
E arrancando do fundo de uma toca
A musa envergonhada,
Em tosco verso faça
O brinde que me toca
Nesta assembléa honrada.

Se o meu engenho invoca
A musica do metro e a rima sonora,
E' porque em verso digo
A mesma coisa que diria em prosa
E mais effeito produzir consigo.

Eu tenho que brindar a Arte Dramatica,
 E agradeço a incumbencia,
 , Pois é missão sympathica
 Vir saudar a indigencia.

Mão protectora estende o poderoso Estado
 A' musica divina,
 A melhor medicina
 Da alma do bruto e do civilisado ;
 A pintura, a esculptura,
 A propria architectura
 Têm todo o seu cuidado ;
 Mas o theatro vegeta enfermo e abandonado...

Vejo que n'outras partes
 (Não fatlo, notai bem dos povos mais visinhos).
 Dispensam-lhe attenções, dispensam-lhe carinhos ;
 Mas elle, é, no Brasil, a Cendrillon das Artes !

Porque ? Não sera' nobre o theatro por ventura ?
 A musica é mais nobre ? é mais nobre a pintura ?
 Deve o theatro descer ao nivel de um officio ?
 João Caetano é menor que o padre João Mauricio ?
 Vale menos que Pedro Americo ou Meirelles ?
 Phidias não é maior que Aristophanes ; Plauto
 Não é menor que Apelles,
 Em que peze ao governo indifferente e incauto.

Fallei de João Caetano,
Que foi do noseo palco o genio soberano.
Hoje a memoria sua
O bronze perpetua...
Morreu a tempo o velho actor. Sou franco.
Vivo, iria, talvez, á praça publica,
Não como estatua : como saltimbanco!

O ministro ali está da provida Republica,
Que tem na illustre mão das artes o destino :
Diante d'elle me inclino
E peço protecção para a Arte que idolatro.
Da pasta da Instrucção pode sahir um Theatro.

Senhores, resumindo
Estes versos á tôa,
Que encontraram ouvidos indulgentes,
Enthusiasmado brindo
A nobre Arte do Theatro, na pessoa
Dos artistas dramaticos presentes.

Devota

Quem o dissera, minha velha amiga ?
Tornaste-te devota ! Não ; não creio
Que tu sejas sincera, e até receio
Que qualquer dia o sangue te desdiga.

Já não és uma linda rapariga ;
O teu inverno demorou, mas veio ;
Tens ainda, porém, no olhar, no seio
Alguma coisa da volupia antiga.

E quando, nas igrejas silenciosas,
O teu rosario intermino desfias,
Os labios a tremer, as mãos nervosas,

Parece-me que, em vez de ave-marias,
Rezas o texto das peccaminosas
Cartas de amor que outr'ora me escrevias.

Soneto

Recitado por Dias Braga no espectáculo commemorativo do 50º anniversario do fallecemento de Martins Penna.

De Martins Penna foi bem triste a sorte :
Moço, bem moço, quando o seu talento
Desabrochava n'um deslumbramento,
Cahiu, ferido pela mão da morte !

Era, entretanto, um lutador, um forte,
E, como não merece o esquecimento,
Que a nossa festa, ao menos um momento,
O seu risonho espirito conforte.

Quem o amou e o leu em vão procura
O seu nome na placa de uma esquina
Ou sobre a pedra de uma sepultura !

Porém, voltando á brasileira scena,
Ha de brilhar a estrella peregrina
Que se chamou Luiz Carlos Martins Penna !

A Émile Zola

*Depois da sua primeira
condenação no processo
Dreyfus.*

Um anno de prisão... um anno apenas,
Porque a mais não poderam condemnar-te,
Heróe que pairas entre as nuvens da Arte,
Magestosas, olympicas, serenas !

Castigo para ti não ha que os farte
Em masmorras, ergastulos, gehennas...
Pudessem n'uma só todas as penas
Juntar, e do carrasco ás mãos mandar-te !

Salve, propheta augusto da Verdade,
Que a luz e nada mais que a luz impetras
Pela justiça e pela humanidade !

Salve, oh, servo magnanimo das letras,
Que no caminho da immortalidade
Pela porta de um carcere penetras !

1898.

O relógio

Quando não vens, formosa deshumana,
E, saudoso de ti, sem ti me deito,
Fica tão espaçoso o nosso leito,
Que me parece o campo de Sant'Anna !

Quando não vens, oh, pallida tirana,
Torna-se lugubre o quartinho estreito !
Com muitas flores, flor, debalde o enfeito :
Falta-lhe a flor das flores soberana.

Se vens, é natural que isso me apraza ;
Mas, se não vens, quanta amargura, quanta !
As proprias coisas sentem n'esta casa !

E'o relógio, porém, que mais me espanta,
Pois, se não vens, o misero se atraza,
E, se vens, o ditoso se adianta !

A'vontade

A Dona Amelia de Oliveira.

Este dá bailes, para ver presente
Nos seus salões a voda aristocrata,
Mesmo porque, de um genro andando à cata,
Conta que lh'o depare aquella gente ;

Aquelle dá banquetes, em que trata
Os seus amigos principescamente,
E outro, que adora a bella musicata,
Tendo concerto em casa, está contente.

Eu, companheiro eterno da pobreza,
Cheio de inquietações e de codilhos,
Só me sinto á vontade, com franqueza,

Quando aqui estou na rua dos Junquinhos;
Numero quatro B, Santa Tereza,
Entre as minhas gravuras e os meus filhos.'

Fevereiro de 1901.

A Santos Dumont

Neste paiz de eternas pataratas
Terra de inercia, terra de apathia,
Custa bons cobres a diplomacia,
Mesmo apezar de ser das mais baratas,

Tu, sem nada esigir, tu, sem bravatas,
Tu, cujo nome ha um mez ninguem sabia,
Fizeste pela Patria n'um só dia
Mais do que todos esses diplomatas.

Quando sereno, calmo, sobranceiro,
Seguro da victoria, ao céo subiste,
Subiu comtigo o nome brasileiro ;

E diga-se a verdade, embora triste :
Só pelos balões o mundo inteiro
Ficou sabendo que o Brasil existe.

1901.

3.

A Dom João da Camara

Salve, poeta ! — Que maior surpresa
Nos causaríeis, generoso e ufano ;
Do que mandar-nos, atavez do oceano,
A fina flor da scena portugueza ?

Artista, salve ! — Tendes a simpleza
Do character antigo luzitano ;
No emtanto, sois profundamente humano
E um confidente leal da natureza.

Ouvindo os vossos *Velhos*, ha quem ouça,
Chilrando estrophes múrmuras e calmas,
A velha musa da *Menina e moça* !

Os manes de Garrett vos tecem palmas ;
Do vossa prosa a musica balouça
Os nossos corações e as nossas almas.

A Ecilia Worms

*Depois de ler um artigo que
inserio no PAIZ sob o titulo
A MODA,*

Muito bem ! apoiadissimo !
Tem toda a razão, senhora !
A mulher, mesmo doutora,
Não deixa de ser mulher ;
Não deve usar do homem barbaro.
Que faz della o seu joguete,
Nem paletó, nem collete,
Nem collarinho sequer.

Da mulher seja ella a medica,
Ou réos defenda ño jury,
Ou amamente, ou costure,
Ou nada faça tambem,

O mais brilhante apanagio,
A attribuição mais brilhante,
E' ser bonita e elegante,
E' vestir-se muito bem.

Dos seus eucantos solicita,
As suas fórmas adorne
Com *toilette* que as contorne
E a linha de arte lhe dê.
E não se insulte a si propria,
Cortando o basto cabelo,
Que isso é tomar per modelo
A defunta Durocher.

Tenha magnificas perolas
Nas rubicundas orelhas,
E frescas flores vermelhas
No airoso e lindo chapéo ;
O rosto sereno e angelico
Dos raios do sol defenda
Com a melindrosa venda
De mysterioso véo.

Não dispense o leque frivolo,
Pois mulher não ha que peque,
Sabendo fechar o leque,
O leque sabendo abrir ;

No mais perigoso dialogo,
Tendo um leque por escudo,
Póde a mulher dizer tudo,
Póde a mulher tudo ouvir...

Mos, oh, minha musa, cala-te !
Embora vestida de homem,
Encantos que não se somem
Tem a mulher, e terá ;
Mesmo de casaca e de oculos,
Da natureza a obra prima
Só da cintura pra cima
Ser homem conseguirá.

Por decoro.

Quando me esperas, palpitando amores,
E os grossos labios humidos me estendes,
E do teu corpo cálido desprendes
Desconhecido olor de estranhas flores ;

Quando, toda suspiros e fervores,
Nesta prisão de musculos te prendes,
E aos meus beijos de satyro te rendes,
Furtando ás rosas as purpuras cores ;

Os olhos teus, inexpressivamente,
Entrefechados, languidos, tranquillos,
Olham, meu doce amor, de tal maneira,

Que, se olhassem assim, publicamente,
Deveria, perdoa-me, cobril-os
Uma discreta folha de parreira.

Ciumes

Calculas quanto padeço ?
Quanto me fere esta ausencia ?
Tu sabes com que violencia
Palpita o meu coração ?
Tu, carinhosa, imaginas,
Tu, desvelada, presumes,
Que tempestade de ciumes
Provoca a minha paixão ?

O meu cerebro inquieto
Mil pensamentos assaltam,
De onde, exanimés, resaltam
Longas duvidas sem fim ;
E eu a mim mesmo pergunto :
Que fará o meu anjo agora ?
Vela ? dorme ? brinca ? chora ?
Lembra-se acaso de mim ?

Quem sabe ? Talvez outro homem
Naquelles olhos se enleva,
Cuja luz varrendo a treva
Do meu espirito vae ;
E o desespero do ciume,
Negro, indomito, vehemente,
Como lavaincandeseente
Dentro do meu peito cae

Quando ao meu lado te vejo,
Dos meus carinhos, oh, dona,
Minh'alma se congestiona
Nos estos de um puro amor ;
Mas tenho ciume de todos
Com quem fallas, a quem olhas...
E até, se uma flor desfolhas,
Eu tenho ciumes da flor.

Do lenço que me deixaste
Ha dias nas mãos trementes
Ja com meus beijos ardentes
Todo o perfume tirei.,.
Pois bem ! tiveram ciumes
— Vê que o espirito me foge !
Os beijos que lhe dei hoje
Dos beijos que hontem lhe dei.

Corre !

Um primor, uma estranha maravilha
Era — negar não posso- era a donzella
Que lhe escreveu, dizendo que á janella
Batesse ás tantas. — « Se papae te pilha,

Coca-te o pello » —, acrescentava ella,
Sem pôr no c a misera cedilha.
Elle vae, elle bate. Em vez da filha
— Que noite, santo Deus, que noite aquella ! —

Surge á porta da rua o pae austero,
Armado de um petropolis bem grosso,
E o triste — pernas para que vos quero ? —

Causou-lhe a apparição tal alvoroço
Que, emulo infausto do famoso Ashavero,
Inda a estas corre o pobre moço !

Supplicio.

Sim, tens razão, verdade é quanto dizes :
Na nossa casa não ha mais encanto.
De mim te afastas... metto-me n'um canto...
Somos, não ha que ver, dois infelizes.

Tens razão se o destino teu maldizes,
E é natural que eu me desfaça em pranto :
Não nos amamos ; logico, portanto,
E' que eu te afflija e tu me tyranises.

Quando nos braços flacidos me enleias,
Não te inflammas de amor nem eu me inflammo,
Porque te odeio e sinto que me odeias !

Mas quer o mundo, meu senhor, meu amo,
Que a ti me prendam barbaras cadeias,
E hei de atura-te, e hei de fingir que te amo !

Protesto.

**Tudo me déste, sim, tudo me déste...
Isso que tem, se tudo me levaste?...
Cahiu, bem vês, a perola do engaste...
A quelle amor não tens que jo tiveste.**

**Talvez um pouco de piedade veste,
Porém não creias que um sorriso baste
Para enconder o asperrimo contraste
Do amor que foge e do desdem que investe.**

**Todavia, o infeliz que assim maltratas,
Desprezando tão vivas aggravantes,
E este é o condão das almas insensatas,**

**Até chegar aos ultimos instantes
Ha de ser, oh modelo das ingratas,
Ha de ser o modelo dos amantes.**

Duas phases.

Se desde o instante em que a fatalidade
Te fez no peito meu achar asylo,
Com um sentimento placido e tranquillo
Pagasses, não o amor, mas a bondade,

Não haveria esta desigualdade
Em cuja explicação mesmo eu vacillo :
Quando ao teu lado eston, eu te repillo,
E, se não estou, definho de saudade !

Divide-se este amor em duas phases :
De contigo estar mal procuro o meio,
E, estando mal, suspiro pelas pazes !

Debalde o fundo de minh' alma leio :
Eu não comprehendo o effeito que me fazes,
Eu não sei te adoro ou se te odeio !

Cuidado !

— Entra rapidamente, minha bella !
Cuidado, não te vejam da botica !
Não vás para defronte da janella !
Emquanto a fecho, neste canto fica...

E' necessaria toda esta cautella :
O Amor a nossa falta purifica,
Mas, se o mundo tiver noticia della,
Não te perdôa, nem me justifica.

As amigas que entrar aqui te vissem,
Do mesmo Crime embora se pungissem
De ti diriam cobras e lagartos;

De uma das taes sei eu que com certeza
Jamais te perdoaria, e ella é fregueza
De quanta casa ahi ha de alugar quartos.



Furtei-te um beijo ?
Pois tu me accusas ?
Justificar-me desejo
De vituperio tão crú.
Inspirem-me as nove musas...
As dez, que a decima és tu !

Fiquei possesso
Quando me achaste...
En dei-te um beijo, confesso...
Mas, se fui eu que t'o dei,
Se foste tu que o tomaste,
Como fui eu que o furtei ?

Teus labios fallam,
Teus olhos gritam !

Aquelles sempre se calam,
Mas estes dizem demais;
E se um beijo solicitam,
Não lhes resisto jamais.

Cumplices foram
Do negro crime!
Quando os miseros imploram
Nada lhes posso negar.,.
Agora, dize : perdi-me?
Não; perdeu-me o teu olhar!

Elle pediu-me
Sem mais refolhos,
Sem mostrar sombra de ciume,
O beijo que aos labios dei;
Vinguem-se os labios dos olhos:
Mandem que os beije : fal-o hei!

Muita cautela
E' necessario
Com os olhos ter, minha bella;
A experiencia já fiz
De que estaõ sempre o contrario
Dizendo do que se diz.

Papas na lingua
Diz o vulgacho
(Um rifão numca faz mingoa) —
Ha muita gente que as tem;
Porém nos olhos eu acho
Que papas não tem ninguém.

Se inda persistes
Me criminando,
Se aos argumentos resistes
Que em verso desenrolei,
Manda dizer onde e quando
Que o beijo restituirei.

E, depois desse
Termo colloquio,
E' natural tudo cesse :
— Ladrão que furta a ladrão
(Vá lá mais este proloquio)
Tem cem annos de perdaõ.

Que pensaste ?

Tu, que ha mais de vinte annos me não vias,
Depois daquelle baile venturoso
Em que me déste un bogari cheiroso
Que entre os dous seios tumidos trazias ;

Tu, que durante dias e mais dias,
Eu, sonhando, insensato, horas de gozo,
Lobrigar procurei debalde, ancioso,
Por entre umas escuras gelosias ;

Tu, cujo olhar tem hoje, como outr'ora
(Com que saudade lembra-me o passado !)
Uma doce expressão bondosa e meiga,

Tu qui pensaste — dize-me, senhora ! —
Quando me viste ha dias, apressado,
Çarregando uma lata de manteiga ?

33 graos á sombra.

Calor que os collarinhos me descolas,
Vê como tenho as ronpas ensopadas !
Já tomei não sei quantas cajuadas !
Já gastei não sei quantas ventarolas !

Canicula que a toda a gente amolas
E me privas de algumas namoradas,
As pobrer ficam ; as remedeadas,
Perseguidas por ti, vão dando as solas !

Do nosso *high-life* as pallidas donzelas,
Como um bando travesso de andorinhas
Para as montanhas vão, batendo as azas...

Sem me dizer adeus, voou com etlas
A mais gentil das namoradas minhas !
— Dize, meu anjo, é certo que te casas ?

1874.

Epitaphio.

Tu qui dizes temer o Padre Eterno,
Crer nos milagres de qualquer santinho,
E no pescoço trazes um bentinho
Para das penas escapar do inferno,

Com o teu filhinho não te mostras terno,
Não lhe dispensas o menor carinho,
E abandonas a mãe do teu filhinho,
Por ti ronbada á paz do lar paterno !

A vida passas a tomar cerveja !
Quando cahires no ultimo buraco,
Teu epitaphio este epitaphio seja :

« Aqui jaz um grandissimo velhaco,
Que assiduamente frequentava a egreja,
E, se um deus adorava, era o deus Bacho. »

Bilhete

Homem não ha no mundo a quem me dobre;
Não exalto a ninguem, ninguem me exalta;
Sem ser trabalhador, sem ser peralta,
Rico não sou, nem me reputo pobre.

Dinheiro nunca no meu bolso falta,
Embora no meu bolso nunca sóbre.
O casamento não me sobresalta :
Dá para dous o manto que me cobre

Se não sou bom, não sou dos mais perversos;
Tenho dous vicios : fumo e faço versos,
Gasto miuto tabaco e alguma tinta.

Cáso um marido assim, meu bem, te apraza,
Manda-me um bithetinho á nossa casa :
Rua da conceição, numero trinta.

1874

Quintilhas ao Souza Bastos.

Ninguem de eterno se gaba ,
Tudo e todos têm um fim ;
Na vida tudo desaba,
Neste mundo tudo acaba,
Mas não acaba e *Tim-tim* !

Não és nenhum songa-monga,
Nem revisteiro ruim ;
Mereces muita candonga
Pois que uma tão longa
Déste ao *Tim-tim por tim-tim.*

Peças novas apparecem...
E' mais a mim, mais a mim !
Pois nem mesmo amadurecem,
E todas desaparecem
Pra dar logar ao *Tim-tim.*

Não é de grande apparato,
Nem gasta muito setim ;
Mas não é menos exacto
Que tem folego de gato
O teu *Tim-tim por tim-tim*.

Julgo, por esse requinte
De fortuna e galarim,
Que nem no seculo vinte
Nem no seculo seguinte
Sahirá de scena o *Tim-tim!*

Se não és um egoista
Dá-me o teu segredo ; emfim,
Fazer quero uma revista
Que á acção do tempo resista,
Como o *Tim-tim por tim-tim*

Penso e creio que os meus netos...
Ora !... os meus netos !... pois sim !...
Os netos dos meus bisnetos
E dos meus tataranetos
Hão de assistir ao *Tim-tim!*

Vida e morte.

Tu disseste-me, senhora :
— Se não fosse o teu amor,
Eu morta estaria agora...
Fez o sol viver a flor ! —

Therapeutica virtude
Tem o doce affecto meu,
Restituindo saúde
A quem saude perdeu !

Não fujas, commigo fica
Emquanto houveres á mão
Uma especie de botica
Dentro do meu coração.

Mas em que diversas chammas
Nos quiz amor abrasar !
E' para viver que me amas
E eu vivo para te amar !

O mesmo fado, querida,
Que tens tu não tenho eu :
O meu amor te dá vida,
E eu acho a morte no teu !

Inda assim, bemdigo a sorte,
E não me compunge ver
Que vives da minha morte
E eu morro do teu viver !

Miseravel.

A Carvalho junior.

O noivo, como noivo, é repugnante :
Materialão, estúpido, chorudo,
Arrotando, a proposito de tudo,
O ser commendador e negociante.

Tem a viuvinha, a noiva interessante,
Todo o arsenal de um poeta guedelhudo :
Alabastro, marfim, coral, velludo,
Azeviche, saphira e *tutti quanti*.

Da misteriosa alcova a porta geme,
O noivo dorme n'um lençol envolto...
Entra a viuvinha, a noiva... Oh, céo, contem-me !

Ella deita-se... espera... Qual ! Revolto,
O leito estala... Ella suspira... freme..,
Eo miseravel dorme a somno solto !...

Improbus amor...

A Affonso Henrique de Albuquerque Mello.

Seis horas da manham. Pespega-se no posto
Quincas, o namorado. O becco está dezerto.
E de um terceiro andar no postigo entreaberto
Da filha de um burguez a medo assoma o rosto.

Sete horas ja lá vão. Quincas está disposto
A deixar-se torrar por vivo sol esperto
Sete horas e quarenta : as oito ja vêm perto
E o Quincas fica, tendo um frade por encosto

O sol se esconde agora. Os pincaros dos morros
Pura neblina são. E que horas dão? Dão nove.
Que grande trovoada ! A chuva cae a jorros !

Dez horas. Chove ! E onze. E chove ! E doze. E chove
A enxurrada recresce. Abrigam-se os cachorros.
O becco está dezerto. E o Quincas não se move !

Nozes e vozes.

Escrevo ou leio ás vezes e tu cóses,
Sentados perto um do outro á luz do gaz,
E, n'essas horas de silencio e paz,
Echo te fazes de perdidas vozes.

Disseram-te de mim coisas atrozes,
Como se eu fõra um seductor audaz !
Olha para-esta cara, olha, e verás :
São muito mais as vozes do que as nozes.

Como o infeliz Hypollito, asseguro,
E posso até jurar, que o céo mais puro
Do que o fundo do peito meu não é ;

Não vás, porém, suppor que eu fosse um santo :
Se de Don Juan nunca enverguei o manto,
Nunca enverguei tambem o de José.

O anel

Murmuraram de nós? Pois foi balela!
Amantes nos disseram? Foi patranha!
A moça é para mim quasi uma estranha:
Nem um segundo conversei com ella!

A nossa mais intrepida façanha
Foi um quasi sorriso... uma olhadela
Certa vez em que a vi posta á janetla;
A culpa, amigo meu, não foi tamanha.

N'um dia em que apartando a negra trança,
Ella mostrou-me, nesse movimento
No dedo o facetado anel de aliança,

Resolvi como um santo este argumento:
Se devia matar uma esperança,
Se devia offender um sacramento.

A Gazetinha

Risonha sempre, leviana ás vezes,
Crescendo vai a *Gazetinha* secia !
Não tem ares de rigida Lucrecia,
Nem de michelas de quaesquer jaezez.

Pede um vintem ao bolso dos freguezes,
E atira-lhes á cara uma facecia...
Não tem na redacção sabios da Grecia,
Mas não tem o caligrapho Menezes.

Bohemia alegre, vivandeira farta,
Em quanto etla tiver papel e tinta,
Vivendo embora ao sol, como a lagarta,

O sete, o padre, a manta, o Simão pinta !
Gasta na quinta o que ganhôu na quarta,
Gasta na sexta o que ganhôu na quinta.

Morta

O visconde viaja. A viscondessa,
Do jardim n'um recanto perfumado,
Pende, chorando, a pallida cabeça
No hombro feliz do moço bem amado.

Alma sem alma, frivola e travêssa,
Elle diz-lhe repleto e saciado :
— Estarei longe logo que amanheça !
Nunca mais me verás, oh, meu peccado !

Parte quando, porém, na eterna lida,
O denso véo da madurgada arranca,
No céo surgindo, a aurora alva e risonha,

O jardineiro acha a infeliz cahida,
Olhos vidrados, muito abertos, branca,
Morta de aomr ou morta de vergonha !

Quadrinhas

Da face roubei-te um beijo !
Meu anjo, fiz-te zangar !
Mas quite ficar desejo :
Quero o teu beijo pagar.

Has de ver, flor das morenas :
Não sou caloteiro, pois
Um beijo roubei apenas
E prometto pagar dois.

Se queres juros, embora !
Pagar-t'os-eí de uma vez
A vinte por cento á hora,
A cento por cento ao mez !

Se fores mais exigente,
Não me farás nenhum mal :
Não se esgota facilmente
Dos labios o capital.

Se um beijo exceder da conta,
Has de m'ò restituir
Alegre, risonha, prompta,
Sem os sobrolhos franzir.

Para que eu possa, prudente,
A quantas ando saber,
De biejos conta corrente
Podemos até fazer.

O triste presentimento
Tenho no cerebro nú.
Que serei no pagamento
Mais solícito que tu.

Se aceitas, credora amada,
Quando eu la fôr, traz ! traz ! traz !
Não mandes pela criada
Dizer que em casa não estás.

Sorrindo, formosa, arisca,
Recebe o teu devedor...
Um beijo pagar á risca
Quero com beijos de amor.

Por desfastio

Passei hoje uma noite de vadio.
Não encontrei um conhecido ; apenas,
Vi passar a Isabel, flor das morenas,
E de longe a segui até o Rocio.

Ella a rua tomou do Lavvadio
Voltei : não dou para seguir pequenas.
Estava uma das noites mais amenas,
E não fazia nem calor nem frio.

N'um café, onde uns musicos havia,
Torturando os ouvidos aos freguezes,
Comi torradas e tomei chá preto.

Não tendo em que empregar a fantasia,
Depois de bocejar um ror de vezes
Vim para casa, e fiz este soneto.

1875.

Transformação

Tu deixaste que perfida navalha
Te decepasse a barba, que fulgia
Como, ao primeiro osculo do dia,
Fulge a planta gentil que a noite orvalha !

Que barbeiro sem alma passaria
Do teu pescoço em volta uma toalha,
Para cortar (que Figaro canalha !)
A tua cabelleira luzidia ?

E andas de oc'los azues, meditabundo ?
Por negro casacão, que te emmagrece,
Trocaste aquetle paletó jocundo !

Assim te transformaste, me parece,
Porque deves a Deus e a todo o mundo,
E se um credor te vê, não te conhece.

Teu coração.

Quando a teus pés estou, soluço phrases.
Repasadas de amor e de ternura,
Que até — ousou dizer — foram capazes
De sensibilisar a rocha dura ;

Mas, desdenhosa e fria, tu não fases
O menor caso da afeição mais pura,
E nas franzinas mãos erguido trazes
O ferro qui me cava a sepultura.

Mas é doidice que hospital merece
Querer o céu achar no purgatorio
Onde o meu pobre amor geme e padece,

Pois o teu coração (ista é notorio...)
Abriga tanta gente, que parece
Um camarote do conservatorio !

1880.

Francisco Fajardo.

Que desgraça, meu Deus! que dor! que espanto!
Morrer assim, tão longe da velhice,
O mestre, o forte, o bom todo meiguice,
Que era a nossa defeza e o nosso encanto!

Como na cova o feretro cahisse,
Todos em volta soluçavam tanto,
Que, tolhidas as vozes pelo pranto,
O derradeiro adeus ninguem lhe disse!

Durante longos annos ao meu lado
Muitas centenas de homens tem vivido,
Muitas centenas de almas tem voado;

Mas, em todo esse misero passado,
Vivo não vi que fosse tão querido,
Morto não vi que fosse tão chorado!

Novembro 1906.

Missiva.

Na occasião do nosso apartamento,
Por signal que na horta, ao pé da tina,
Banhou-te o pranto a face purpurina,
E soluçaste um grande juramento.

Confesso que me andava o pensamento
Tão distante de ti como da China
Quando, lendo uma folha vespertina,
Tive noticia do teu casamento.

Antes que eu do teu peito inteiro fuja,
E o derradino grito allucinado
Do meu amor desventuroso estruja,

Fica tu na certeza, anjo adorado :
Se a casa não estivesse um pouco suja,
Eu no chão cahiria desmaiado.

Mentes !

Quem te obriga a mentir ? Medo é, supponho,
De que um dia, dizendo-me a verdade,
Me faças mal, e move-te a piedade
Ver me arrojado do alto do meu sonho ;

Porém tranquilla está : bem vês que ponho
Esta syllaba *Fim* (com que saudade !)
No romance da nossa mocidade,
Que só teve um capitulo risonho.

Mas... continúas a mentir, louquinha !
Pois não vês que tu mesma te desmentes,
E não te podes defender, mesquinha ?

Para que estás dizendo o que não sentes ?
Tu mentes quando dizer que és só minha,
E, quando dizes que não mentes, mentes !

A Luiz Delfino.

Ha no teu livro longas cavalgadas
De versos, cavalleiros arrogantes,
Nervosos, promptos a levar os guantes
Às valorosas, inclytas espadas ;

Imagens as mais bellas, reclinadas
No dorso de pesados elephantas,
Tendo nos labios beijos susurrantes
E nos olhos a luz das madrugadas ;

Tropos, tambem montados em ginctes,
Fazendo mil phantasticos corcovos,
Brandindo no ar os nitidos floretes ;

E finalmente multidões e povos
De Adjectivos, os rubidos valetes,
Ledos, alegres, elegantes, novos.

Impiedade.

**Alerta, Satanaz ! alerta ! alerta !...
Visitar-te lá foi alma damnada,
Que te porá o inferno em debandada,
Se do inferno encontrar a porta aberta !**

**Nem sempre a negra mão da morte acerta,
Mas desta vez andou muito acertada...
Folgue da raça humana a parte honrada,
Que de um grande patife está liberta !**

**A planta no sen tumulo não medra :
Falta-lhe aquelle doce orvalho ardente
Da lagrima do amor piedosa e pura...**

**Elle só teve a lagrima de pedra
Que poz um marmorista indifferente
Na lonsa que lhe cobre a sepultura.**

Bella.

Não te podes queixar da natureza :
Enleva-se o olhar quando te fita ;
Tens a linha ideal de uma princeza,
E nos teus olhos a volupia grita ;

Entretanto (permittle-me a franqueza,
Se isto é franqueza, amor, que amor permitta),
Não mereces um premio de belleza :
E's simplesmente uma mulher bonita ;

Mas se te visse quando, oh, deusa impura,
Teu corpo langue nos meus braços tomo,
E arfas de amor nos éstos da ternura,

Páris de certo te daria o pomo :
E's mais formosa do que Helena, és como
Que o ideal pagão da velha formosura !

Declaração.

Ha muito tempo adivinhaste, creio,
Que te amo como nunca amei ninguém,
E ser não póde um simples galanteio
A confissão que os versos meus contém.

O segredo vedando á penna e aos labios,
Eu seria quem sabe? — mais feliz,
Porque, no amor, segundo affirmam sabios,
Quanto menos se falla mais se diz.

Que queres-tu? A minha musa bella
Hontem ridente appareceu por cá...
— Apaixonado estás : corri ! diz ella,
E o seguinte dialogo se dá :

ELLA

Gosto do preto no branco !
Vamos ! escreve !

EU

Isso não!

ELLA

Exijo que sejas franco!

EU

Do peito meu não arranco
Este segredo!

ELLA

Poltrão!

EU

Que queres tu que lhe eu diga?
Que coisas lhe hei de eu dizer?
Que o meu coração castiga
Esta afeição tão antiga?
Já está farta de o saber!

ELLA

Sem que alguns versos produzas,
Ella nunca o saberá!

EU

Es a mais tolas das musas!

ELLA

Pois tu de tola me accusas?
Adeus, ingrato!

Eu

Vem cá!

ELLA

Repara que eu tão somente
Desejo ver-te feliz.

Eu

Diz um terno olhar ardente
Mais que um discurso eloquente
E que um soneto não diz.

ELLA

Dobra-te ás minhas instancias !
Confessa-lhe o teu amor!

Eu

Contam suspiros as ancias
Melhor que quantas estancias
Serei capaz de compôr.

ELLA

Tolo és tu, se não usares
De tinta, penna e papel;
São expressivos olhares
Recursos preliminares
De namorado novel.
As tuas intimas penas
Lhes debes todas contar;
As olhadelas serenas
Podem prevenir apenas;
Só executa o fallar.

Se amor a mulher percebe
De uns olhares na expressão,
Cruéis duvidas concebe
Quando depois não recebe
Positiva explicação.
O seu coração ancioso
Na duvida a fluctuar,
Póde acolher e dar pouso
A galan menos receioso,
Que não se limite a olhar.
Da sympathia medrosa
Foge a mulher em geral;
Declaração pressurosa
Faze-lhe em verso ou em prosa,
Rimada, escripta ou verbal.
Declara-te, e de caminho
Solicita um *rendez-vous*,
Ou verás naquelle ninho
Outro feliz passarinho
Mais atrevido que tu.
Coragem! O diabo leve
Tanto escrupulo! E' fallar!
Ai do amor que não se atreve!
Aqui tens a penna : escreve...
Escreve o que vou ditar :

« A' vez primeira que te vi, senhora
(Lembra-te a vez primeira que te vi?
Dez longos mezes vão fazer agora...)
Logo pulsou meu coração por ti.

Desde esse dia (esta é a verdade nua),
Desde esse dia o pensamento meu
Não tem uma hora que não seja tua,
Nem um momento que não seja teu.

Alegre como os sons de uma cantiga,
Melhorado verei meu fado crú
Quando metter no cerebro consiga
Alguma coisa que não sejas tu !

Se vélo, estaes de mim perto, bem perto ;
Appareces-me em tudo, aqui, alli ;
Se durmo, és tu meu sonho, e, se desperto,
Antes de ver a luz te vejo a ti !

Misera vida, é minha vida um mixto,
Bem vês, de inferno e céo, prazer e dor ;
Se não se deve amor chamar a isto,
Eu não sei que demonio seja amor !

O arroz de cuchá.

Carta a Jovino Ayres.

Como o nosso Manoel Cotta
Mandou pelo Macieira
Um molho de vinagreira
Lá de Jacarépaguá,
N'um delicado bilhete
Me perguntas, caro amigo,
Se quero amanha, contigo,
Comer arroz de cuchá.

Que pergunta ! pois ignoras
Que sou, por este petisco,
Homem de andar ao lambisco
Ora aqui, ora acalá ?
Pois não sabes tu que, apenas
Eu me apanhei desmamado,
Me atirei como um damnado
Ao bello arroz de cuchá ?

Gosto do Perú de forno,
Gosto de bifes de grelha,
E tenho uma paixão velha
Por torradinhas com chá ;
Mas nos pitéos e pitanças
Que custam tanto e mais quanto,
Nunca achei o mesmo encanto,
Que achei no arroz de cuchá !

Visitei o velho mundo
E, nos restaurantes caros,
Os acepipes mais raros
Comi que nem um pachá ;
Mas, quer creias, quer não creias,
Nenhum achei mais gostoso,
Mais fino, mais saboroso
Que o nosso arroz de cuchá !

A tua « Mulata velha »
E' com razão orgulhosa
Da muqueca appetitosa,
Do doírado vatapá ;
Mas, bahiano, tem paciência ;
Forçoso é que te executes !
Nada valem taes quitutes
Ao pé do arroz de cuchá.

Eu tenho muitas saudades
Da minha terra querida...
Onde atravessei da vida
O melhor tempo foi lá.

Chóro os folguedos da infancia
E os sonhos da adolescencia ;
Mas... chóro com mais frequencia
O meu arroz de cuchá.

Porque — deixa que t'o diga —
Esse prato maranhense
Ao Maranhão so' pertence
E n'outra parte o não ha.
Aqui fazem-no bem feito
(Negal-o não ha quem ouse) ;
Mas... falta-lhe *quelque chose* :
Não é o arroz de cuchá.

Pois aqui ha bom quiabo
E bem bom camarão secco ;
Ha vinagreira sem pêco,
Bom gergelim tambem ha !
E o prato, aqui preparado.
Do nosso mal se aproxima !
Acaso tambem o clima
Influe no arroz de cuchá ?

Ora ! qual clima ! qual nada !
E' o mesmo quitute, creio ;
Falta-lhe apenas o meio,
Nos seus dominios não está ;
No Maranhão preparado,
Naturalmente acontece
Que sendo o mesmo, parece
Ser outro arroz de cuchá.

Eu, quando o como, revejo,
Entre a cheirosa fumaça,
Passado que outra vez passa,
Com que eu não contava já ;
Portanto, não me pergunes...
Não me pergunes, amigo,
Se eu quero amanhã, contigo,
Comer arroz de cuchá.

Pergunta se quer o espaço
O passarinho que adeja ;
Pergunta se a flor deseja
O sol que a vida lhe dá ;
Pergunta aos labios se um beijo
Aceitam quente e sincero :
Mas não pergunes se eu quero
Comer arroz de cuchá...

Como a criança quer leite,
Joias a dona faceira,
Fitas a velha gaiteira.
E um maridinho a sinhá ;
Como o doente quer cama,
Como o defunto quer cova,
Quer o macaco pacova
Eu quero o arroz de cuchá !

Febricitante, impaciente,
Cá fico as horas contando !
Do bolso de vez em quando
O meu relógio sahirá.

**E amanha, ás seis em ponto,
Irei, com toda a presteza,
A'tua prodiga meza
Comer arroz de cuchá.**

A Lopes Trovao.

Não é somente aos maus que o céo castíga :
Tu és tão bom, e entrou-te em casa a morte !
— Perdôá! não ha phrase que conforte
O misero, bem sei, que perde a amiga,

Haverá muita gente que te diga :
— Tem paciencia... conforma-te co'a sorte...
Não chores mais... resigna-te... sê forte...
Mas isso a alma consola e a dor mitiga ?

Não deixes de carpil-a um só momento,
Pois só piedosa lagrima dorida
Suavisará teu longo soffrimento...

Chora a lembrança da mulher querida,
Da companheira que te deu alento.
Contra as negras miserias d'esta vida.

Madrigaes.

Dívina Bianchi Fiorio
Que és linda como uma fada
Facto é publico e notorio ;
Já deves estar cançada
De que o és ouvir dizer ;
Mas não t'o disseram, creio,
Das musas por intermedio ;
Portanto, busco este meio
Para evitar o teu tedio,
Para o teu tedio vencer.

Aos mais perfeitos excedem
Teus olhos, anjo querido !
Tanta luz elles despedem
Que para o nauta perdido
Podem servir de pharóes !
Morrer me fazem de gosto,
Teus olhos, bella das bellas !
No céo do teu lindo rosto
Brilham mais do que as estrellas,
São mais que um sol ; são dois sóes !

D'elles o brilho é tão puro,
Que exigindo certa scena
Que ficasse o palco escuro,
Surges no palco serena,
E claro o palco se faz ;
Não é, pois, extraordinario
Que os contraregras se queixem
E reclamem do empresario
Ou que os teus olhos se fechem,
Ou que então se apague o gaz !

Imitam teus labios doces
Flor macarada e vivente,
Tu, se accaso ao campo fosses,
O beija flor innocente
Não se apartava de ti !
Para beijal-os um dia,
Libar-lhes o mel um'hora,
Bianchi Fíorio, eu bem queria
(Se tanto possivel fôra)
Transformar-me em colibri !

Branco cysne, que n'um tanque
Com o bico as pennas sacode,
Crê, lindissima Bianchi,
Que um pescoço ter não póde
Branco e airozo como teu !
D'aquelle veio azulado
A disposição correcta,
Nem cinzel exp'perimentado,
Nem milagrosa palheta
Ha de dar, não dá, nem deu !

Não supponhas que me escapa,
P'ra louvar teus dentes alvos
Nemhuma estafada chapa
Dos vates velhos e calvos
Da Arcadia que teve fim ;
Velharias não tolero,
Que não sou do tempo antigo,
Por isso dizer não quero...
Dizer não quero nem digo :
— Teus dentes são de marfim. —

Consciencia.

Tanto por ti, meu doce amor, me inflammo,
Quanto, por ti, de tudo mais me esqueço :
Sinto que me desvio, acho que desço,
E as indulgencias de ninguem reclamo...

O meu delicto alto e bom som proclamo :
Dos meus peccados a extensão conheço...
Pois me fulmine a pena que mereço !
Sou mau, bem sei... mas tambem sei que te amo !

Vou dizer-te porque, pallida amiga,
Para abrir-te a minha alma criminosa
Do soneto procuro a fôrma antiga :

Os versos inventaram-se, formosa,
Para que a gente certas coisas diga
Que seriam ridiculas em prosa.

Mutação.

Batel sem norte. o espirito naufraga
Neste medonho pelago de ciume,
Que os suplicios do amor todos resume,
E as victimas do amor todas alaga :

Quando entram n'alma as sombras do azedume,
Quando nasce no peito hedionda chaga ;
Soffre-se... curte-se uma dõr que esmaga,
E não se exhala ao menos um queixume...

Mas, de repente — delicioso instante ! —
Uma doce cartinha, inesperada,
Torna feliz um coração amante !

Dõr... azedume... isso não vale nada !
Todos os males se dissipam diante
Das garatujas da mulher amada !

Adelino Fontoura.

Na dura rocha a fibra do amianto
Nasce, viceja, estende-se, persiste,
Porém femineo coração resiste
Da poesia ao languoroso encanto :

Hontem eu vi passar, e não vi triste,
A moça injusta que adoravas tanto...
Não tinha os olhos tumidos de pranto
Aquella a quem debalde amor pediste.

Desses olhos um dia bem no fundo,
N'um flammejar de brilhos irrequieten,
Viste o phantasma de um desdem profundo...

Vingado estás d'aquetles olhos pretos;
A tua musa ficará no mundo
Orphan dos teus esplendidos sonetos.

Recordação.

Musa risonha, vamos lá ! que importa ?
Dize a todo esse publico — sê franca ! —
Que, transido de amor, transpuz a porta
Da casa em que morava a saltimbanca.
Não sei se viva está, não sei se é morta ;
Sei que suspiros ao meu peito arranca,
Como se hontem trocassemos um beijo,
E doze annos lá vão que não a vejo !

Foi no circo onde a vi á vez primeira,
Magestosa, de pé sobre um cavallo,
Arcos e fitas a saltar ligeira,
Palmas a conquistar que era um regalo.
Meus cumprimentos á pelotiqueira
Apresentei lá dentro, no intervallo,
E os nossos olhos tanto se entenderam,
Que um ao outro ditosos nos prenderam.

E' verdade que as coisas fiz com geito;
Nem uma setta me esqueceu na aljava :
Chamei-lhe Circe, e comparei meu peito
Aos arcos de papel que ella furava.
Esta comparaçã fez seu effeito,
Porque, rendida, quando eu mal pensava,
Deu-me um beijo a funambula nos labios,
Capaz de por sem juizo os sete sabios.

Se ella não dorme n'uma cova fria,
Vive a dar cambalhotas, desgraçada !
Sem se lembrar de me mandar um dia
Noticias suas lá da Italia amada.
Faço estes versos porque, ha pouco, vi-a,
Phographicamente retratada,
Numa caixa de phosphoros de cera,
Que um garoto na rua me vendêra.

1887.

Coisa nenhuma.

No album de D. Adelaïde Amoedo.

Eu faço versos com facilidade,
E em muitos albuns tenho escripto já;
Mas hoje estranha hesitação me invade...
Tremo ! — porque será ?

Os versos meus andam ahi dispersos,
Filhos sem pae, rebanho sem pastor,
E o motejarem dos meus pobres versos
Não me produz õ minimo terror.

Vacillo, todavia... Como agora
Nunca, por Deus ! temi desagradar ;
Nunca me pezou tanto a mão, senhora !
O caso é singular !

Quando o teu livro recebi, a penna
No infecundo tinteiro mergulhei ;
Chamei a musa : — Anda p'ra cá, pequena ! —
E um soneto romantico rimei.

Pareceu-me trabalho de encommenda...
Sobretudo o final não me agradou...
Emendei-o : Jesus ! peor a emenda
 Que o soneto ficou !

Desesperado, resolvi rasgal-o;
Rasguei-o, e logo umas quadrinhas fiz...
Estavam a pedir balas de estalo !
O soneto era menos infeliz !

Projectei um accrostico. — Adelaïde
Tem oito letras : — uma oitava dá. —
O genero, porem, ficou alcaide...
 Nem cotação tem já !

Pedi á musa alguns alexandrinos,
E a musa auxilio não me recusou ;
Mas os diabos sahiram taõ mofinos
Que a Sapucaia logo os reclamou !

— E se eu fizesse alguma coisa em prosa ?
Pensei. — Mas desgraçado, tu não vês
Que a rima é muito menos perigosa
 E a prosa tem seus quês ?

Os versos inventaram-se (Eu já disse
O mesmo em versos que ha cinco annos fiz)
P'ra se poder dizer quanto tolice,
Quanta frioleira em prosa não se diz.

Poeta famoso, se não mente a fama,
D'este modo uma epistola encetou :
« Tenho pressa, um negocio me reclama :
Em verso escrever vou. »

Tinha rasaõ : os versos mais perfeitos
Mais faceis de fazer que a prosa são ;
Todas os fazem (mais ou menos... feitos);
Prosa, porem, nem todos a faraõ.

Tarefa não conheço mais penosa
Que a de escrevel-a certa, airosa e san ;
Se alguem me contradiz, pensa da prosa
Tal qual Monsieur Jourdain.

Gósto, entretanto, de bons versos, gosto ;
Ha de havel-os emquanto mundo honver,
E esta fonte de gosto e de desgosto,
Anjo e demonio que se diz — mulher.

Tremo... Sabem porque ? Do album a dona
Com ser formosa não se satisfaz :
Tem uma alma que almas apaixonou,
O espirito vivaz.

Seu destino ao destino de um artista,
Ligou ; fez-se a madona de um pintor ;
Não a levou comsigo, por conquista,
Nenhum burguez, nenhum commendador.

E'tambem uma artista, que do piano
Magicos sons sabe arrancar, que dão
A'miserrima rua do Cassiano
Uma nobre feição.

A quem taes dotes reunir (reflicto)
Com meus versos jamais contentarei ;
E por isso hesitei, por isso hesito,
Por isso muito tempo hesitarei.

Cheio de tanta hesitação, em summa,
Que posso eu pôr aqui, não me dirão ?...
Decido-me a não pôr coisa nenhuma...
Dama gentil, perdão ?

Efeitos de amor

Quando sem ver-te algumas horas passo,
A rosa murcha, o passaro não trilla,
Cobre-se o céu, troveja, e não scintilha
Nem uma estrella no sombrio espaço!

Dolorida, pedaço por pedaço,
A minh'alma se quebra e se aniquila,
Como se fôra miseranda argila,
Quando sem ver-te algumas horas passo!

Mas se um rapido olhar de amor te lanço,
Revive a natureza magestosa,
Volve ao meu coração meigo descanso...

Não imaginas tu, mulher formosa,
Como todo o meu ser palpita e gosa
Quando um rapido olhar de amor te lanço!

Sextilhas

publicadas no Album

Dês que a aurora incandescente
Hoje saiu no oriente,
Tenho pensado em que objecto,
Hei de mandar-te, Bebita,
Como lembrança catita
Do meu entranhado affecto.

Uma boncca ? Inda é cedo ;
Na tua idade um brinquedo,
Bebita, não vale nada,
Jà tens carrinho e cadeira,
Pipo, chocalho e pulseira...
Mando-te uma versalhada !

Eu quiz — desejo insensato !
No *Album* dar o teu retrato.
E o teu esboço biographico ;
Arranjaria o Gutierrez,
Com todos os efes e erres,
Um *bibelot* photographico.

Mas tenho medo que bramem,
Protestem, gritem, reclamem
Assignantes ponco amaveis.
Se a tua photographia
Figurar na galeria,
Entre pessôas notaveis.

— Quem será esta criança ?
Pinta ? Escreve ? Canta ? Dança ?
Faz sonetos ? Gue faz ella ?
— Meus senhores, não faz nada...
Só faz ser minha afilhada,
E como os anjos ser bella.

Paciencia, Bebita linda :
Não és sequer gente ainda,
Não tens, não podes ter fama...
Pesaroso me constranjo,
Porque o retrato de um anjo
Não está no nosso programma.

Tens um anno, um anno apenas ;
Inda te aquecem as pennas
Do teu melindroso ninho,
E a tua tenra molleira
Só sonha co'a mamadeira
E o *pince-nez* de dindinho

De crescer não tenhas pressa :
Crescendo, só se tropeça

Na dor e no desengano...
Em tendo maior idade
Verás que felicidade
Contar-se apenas um anno.

Com que prazer eu narrára
A tua existencia cara
Num dos estylos mais nobres !
O nascimento almejado
E, depois, o baptisado
Em Santo Antonio dos Pobres !

Eu dissera a vez primeira
(Foi n'uma segunda-feira)
Em que um sorriso esboçaste,
E aquella manhan ridente
Em que o teu primeiro dente
Noutro sorriso mostraste.

E o dia em que, de surpresa,
Sentadinha sobrea mesa,
Fazendo cara de choro,
Disseste *maman*, no dia...
Mas eu fiz-te a biographia,
Não ha que ver, meu thezouro !

Basta ! dei o meu recado...
Já me sinto fatigado...
E é caso dos mais perversos,
Vejo agora, a uma menina
Tão mimosa e pequenina
Mandar setenta e dois versos.

Conselho

Quando algum desses escrevinhadores,
Que publicam na imprensa, infelizmente,
Na honra accaso te ferrar o dente,
Ou de ti ou dos teus dizendo horrores,

Errado irás se por ventura fôres
Chamar a juizo o ignobil maldizente,
Porque um « testa de ferro » incontinente,
Comprado, tomará por elle as dores.

Dá-lhe, dá-lhe a valer ! fal-o n'um trapo !
Por cada embuste arranca-lhe tres urros !
Mata o ladrão como se mata um sapo !

Convence-te, leitor : para esses burros
Argumento não ha como um sopapo,
Nem resposta melhor que um par de murros !

1886.

O muro

Com justa maldição ja te não falto,
Desalmado pedreiro, que tão alto
Fizeste o muro de jardim que cêrca.
A habitação da minha namorada!

Baldado esforço ! Qual o que ! Não salto !
Não quero espapaçar-me neste asfalto !
Fortuna, amor, prazer, tudo se perca !
Ah, maldito pedreiro, alma damnada !

Furioso diante das paredes altas,
Consolação de balde vos procuro,
Peito que saltas, perna que não saltas !

Que lamente, que chore o fado escuro,
Quem tira o mais ditoso dos peraltas,
Se não fosse tão alto aquelle muro !

São coisas.

A Coelho Nello.

N'uma noite em que a febre ardente me escaldava,
E me escaldava o ardente amor que te tributo,
Vi que um fero gigante, um monstro dissoluto
Nos braços te apertava !

De tanta força escrava,
Debatias-te em vão nos musculos do bruto,
E elle, todo paixão, libidinoso, hirsuto,
O mel dos labios teus famelico libava !

Tu que a minha ventura e que o meu mal resumes,
Não crês, se te eu disser, oh, linda namorada,
Que o monstro, o libertino

Não me fez tantos ciumes
Como aquelle janota, addido de embaixada,
Com quem te vi dansar no baile do Cassino !

Tormentos.

Quando a teu lado o deus do amor festejo,
De vez em quando finjo-me zangado :
— Que é isto ? yá não sou teu bem amado ?
Ha dois minutos não me dás um beijo !

Provoca-te um sorriso esse gracejo,
Sorriso por um beijo acompanhado,
E, ao calor do teu halito inflammado,
Mais se accende e mais cresce o meu desejo.

São bem amargos da saudade os fructos !
Entram-me n'alma negras phantasias,
E inspiro compaixão aos proprios brutos !

Vê tu se os meus tormentos avalias ;
Beijos quero de dois em dois minutos,
Beijos não tenho, já lá vão tres dias !

Quinze dias !

Yá se passaram quinze longos dias
Depois daquella tarde venturosa
Em que tu, minha pallida formosa,
Nos meus braços de susto estremecias.

Eu apertava-te as mãosinhas frias,
Eu beijava-te a bocca voluptuosa,
Mais rubra do que as petalas da rosa
Que no teu seio tremulo trazias.

Quinze dias lá vão, e mais augmenta
O indomito furor do meu desejo,
E a saudade feroz que me atormenta !

Quinze dias lá vão que te não vejo ;
Dos labios meus, porém, não se afugenta
A suave sensação do ultimo beijo !

Esperando.

**Era uma flor o que eu julgava espinho !
Uma entrevista ! Não, não era um sonho !
Lá fui, saudando lepido e risonho
A quantos encontrava no caminho.**

**Porém, quanto tornei, vinha tristonho,
Como se fôra um pobre passarinho
Que abandonado achasse o doce ninho
Entre as garras de um passaro medonho.**

**Tres longas horas esperei constante :
Foram tres longos seculos ; contigo
Pareceriam fugitivo instante.**

**Eu não desejo ao meu peor amigo
Debalde espere pela sua amante :
Culpa não ha que peça tal castigo !**

Soneto

*Distribuido n'uma « matinée »
dada, am beneficio de Fur-
tado Coelho.*

Foi nesta mesma data, ha quarenta annos,
Que no Gymnazio o nosse bom Furtado
Começou a correr seu longo fado
Cheio de enganos e de desenganos.

Artista entre os artistas soberanos,
Para ás nuvens subir por Deus moldado,
Elle no theatro dava, enthusiasmado,
Mais que dariam musculos humanos.

Hoje porque lhe sejam mais serenos
Os dias tristes da velhice fria,
E haja na mesa um pão... dos mais pequenos,

Dá *matinées* ! — Artista, porque um día
Não te fizeste amanuense ? Ao menos
Tinhas agora aposentadoria...

Resposta

Antes de lhe eu fallar, o meu inferno
No seu languido olhar ella trazia,
E, quando lhe fallei, deixou-me um día
Um sentimento que supponho eterno.

Hontem, n'um bilhetinho quasi terno,
— Sejamons bons irmãos, — ella dizia,
Pretendendo — que louca phantasia! —
Fazer disto que eu soffro amor fraterno!

Ser teu irmão? Não posso! Apaixonado
Estou por ti! Ser teu irmão? Protesto!
Virtude é o meu affecto e não peccado!

Mostrasse agora o accaso mais funesto
No teu sangue o meu sangue, e eu-desgraçado!
Commetterea essa hediondez, — o incesto!...

Musa infeliz

Todo o cuidado nestas rimas ponho;
Musa, peço-te, pois, que me remettas
Versos que tenham rútilas facetas,
E não revelem trovador bisonho.

Meia noite bateu. Sahi risonho...
Brilhava — oh, musa, não me compromettas! —
O mais bello de todos os planetas
N'um céu que parecia um céu de sonho.

O mais bello de todos os prazeres
Gozei, á doce luz dos olhos pretos
Da mais bella de todas as mulheres!

Pobres quartettos! miseros tercettos!...
Musa, musa infeliz, dar-me não queres.
O mais bello de todos os sonetos!...

Para fechar este livro

Na estação da fortuna e dos regalos,
Preso nos braços de um demonio estive,
E os meus minutos de prazer, se os tive,
Foram da dor ligeiros intervalos.

Tres filhos compensaram — meos abalos ;
Vieram, porém, na idade do declive,
E o velhentado pae medroso vive
De lhe não dar Deus tempo de educal-os.

De toda a minha vida acerba e dura,
Resta apenas um poeta sem poesia,
Um litterato sem litteratura,

Carregando no lombo inda hoje em dia,
Para engrossar a sua desventura,
Quazi trinta annos de secretaria.

(Fecha o livro com este soneto).

INDICE

EU ME EXPLICO	1
O meu epitaphio	5
Transit	6
A volta	7
Confusão	8
Ao jornal « O Dia »	9
Na primeira folha do meu album	10
Vindo de Nictheroy	11
As estatuas	12
Arrufos.	13
Equivoco	14
Desespero	15
Incomprehensivel.	16
Cantilena	17
A Theophilo Braga	19
Vem	20
Impressões de theatro	21
Adeus a Sarah Bernhardt.	22
Recordação	23
De lua a sol.	25
A João Baptista de Moraes Rego.	26
A Carlos Feldhagen	27
Prosa	28
Soneto	29
Confidencia	30

Velha anecdota	31
No bonde	32
Typico	33
Desengano	35
Brinde	37
Devota	40
Soneto	41
A Émile Zola	42
O relógio	43
A'vontade	44
A Santos Dumont	45
A Dom João da Camara	46
A Cecilia Worms	47
Por decoro	50
Ciumes	51
Corre !	53
Supplicio	54
Protesto	55
Duas phases	56
Cuidado !	57
.	59
Que pensaste ?	61
33 graos á sombra	62
Epitaphio	63
Bilhete	64
Quintilhas ao Souza Bastos	65
Vida e morte	67
Miseravel	69
Improbis amor	70
Nozes e vozes	71
O anel	72
A Gazetinha	73
Morta	74
Guadrinhas	75
Por desfastio	77
Transformação	78
Teu coração	79

Francisco Fajardo	80
Missiva.	81
Mentes !	82
A Luiz Delfino	83
Impiedade	84
Bella	85
Declaração	86
O arroz de cuchá	91
A Lopes Trovao	96
Madrigaes	97
Consciencia	100
Mutação	101
Adelino Fontoura	102
Recordação	103
Coisa nenhuma	105
Efeitos de amor	109
Sextilhas	110
Conselho	113
O muro.	114
São coisas	115
Tormentos	116
Quinze dias !	117
Esperando	118
Soneto	119
Resposta	120
Musa infeliz	121
Para fechar este livro	122

U.C. BERKELEY LIBRARIES



C095259047



55898

IMPRIMERIE
E. DESJARDINS